

CADERNOS DO

# SEMINÁRIO

RIQUEZAS &  
OPORTUNIDADES



Tudo isso é  
de Repente  
Volume 1

Por Ilo Francisco Marques de Barros Barreto



**CREA-PE**  
Conselho Regional de Engenharia  
e Agronomia de Pernambuco

22



*TUDO ISSO É*  
***DE REPENTE***  
Volume 1

ILO FRANCISCO MARQUES DE BARROS BARRETO

**EXPEDIENTE**

**Mário de Oliveira Antonino** - Coordenador Geral  
**Marcelo Carneiro Leão** - Coordenador Honorário

**EQUIPE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA**

Professor Eng. Agrônomo **Carlos Alberto Tavares**  
Bibliotecária **Conceição Martins**  
Professor Eng. Agrônomo **Egídio Bezerra Neto**  
Professor Eng. Agrônomo **Jorge Roberto Tavares de Lima**  
Professor Eng. Agrônomo **José Geraldo Eugênio de França**  
Professor Eng. Agrônomo **Leonardo Valadares de Sá Barretto Sampaio**  
Eng. Ambiental e Assessora da APEENG **Thaís Bezerra Patú**  
Professor Geólogo **Waldir Duarte Costa**

**EDITORAÇÃO**

Projeto Gráfico e Diagramação - **Renaldo Segundo**  
Palavras do Presidente **Mário de Oliveira Antonino**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(SIB-Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE)  
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C122      Cadernos do Semiárido: riquezas & oportunidades / Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco. – v. 22, (2022). Recife: Academia Pernambucana de Engenharia APEENG: Editora UFRPE, 2022.  
v.  
  
Este volume: Tudo isso é de Repente, v. 1. / [Organização de] Ilo Francisco Marques de Barros Barreto.  
  
Bimestral  
ISSN (broch.) 2526-2556  
  
1. Engenharia – Periódicos. 2. Agronomia – Periódicos.  
3. Semiárido brasileiro. 4. Poesias. 5. Repentes. I Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco. II. Academia Pernambucana de Engenharia APEENG. III. Barreto, Ilo Francisco Marques de Barros, org.

CDD 620.05

# CREAPE

## DIRETORIA CREA-PE GESTÃO 2022

- Eng. Civil **Adriano Antônio de Lucena** - Presidente
- Eng. Civil **Stênio de Coura Cuentro** - 1º Vice-Presidente
- Eng<sup>a</sup>. de Segurança do Trabalho **Giani de Barros Câmara Valeriano** - 2ª Vice-Presidente
- Eng<sup>a</sup>. Civil **Pedro Paulo da Silva Fonseca** - 1º Diretor Administrativo
- Eng. Civil **Ricardo Luiz de Alencar Arraes** - 2º Diretor Administrativo
- Eng<sup>a</sup>. de Pesca **Magda Simone Leite Pereira** - 1ª Diretora Financeira
- Eng. Civil **Isaac Sérgio Araújo de Brito** - 2º Diretor Financeiro

Os cadernos estão disponíveis online, através do site:  
[www.creape.org.br/cadernos-do-semiarido-riquezas-eoportunidades/](http://www.creape.org.br/cadernos-do-semiarido-riquezas-eoportunidades/)



## CADERNOS DO SEMIÁRIDO, *Esclarecimentos.*



**Mário de Oliveira Antonino**

Eng.º Civil, Professor, Rotariano e  
Presidente da Academia Pernambucana de Engenharia.

Este fascículo de número 22 da série Cadernos do Semiárido - Riquezas e Oportunidades, chega explorando um gênero muito do gosto de uma grande parcela da população rural ou interiorana do Brasil ou de congêneres até de outros continentes de aculturamentos semelhantes.

É a presença da Literatura de Cordel que tanto encanta Portugueses e Espanhóis, interioranos de São Paulo ou do Nordeste brasileiro, verdadeiros gênios das rimas e dos versos. Pessoas simples que tem a capacidade de transformar as cantorias em festas de multidões, de pureza e empolgação, impressionantemente competentes.

O exemplo que trazemos à lume é de autoria do companheiro do nosso Rotary Clube Recife - Largo da Paz, Ilo Francisco Marques de Barros Barreto. Ilo é gentil, servidor, fraterno, patriota e cristão. Hoje está com 92 anos de idade e está a 52 anos como membro rotariano.

No momento atual presta mais um serviço ao rotarismo nacional oferecendo o seu livro “Tudo isso é de repente” para ser dividido em 2(dois) Cadernos do Semiárido que tomarão os números 22 e 23. Tais cadernos exploram o uso de Literatura de Cordel ensinando-a através da antologia de autoria de Sebastião Nunes Batista. Da mesma maneira aprendemos tomamos maior intimidade com o tema através dos estudos

do (...) amigo Renato Carneiro Campos, graças ao seu trabalho intitulado” Ideologia dos Becos Populares”, prefaciado pelo formidável antropólogo e sociólogo Gilberto Freire. Tive a honra de desfrutar de honrosas aproximações com ambos, o primeiro pela via oficial participando pela via oficial do seminário de Tropicologia, o segundo graças a amizade (...) o amigo comum de Paulo Meira Lins, meu amigo fraterno no Rotary.

A literatura que abre um formidável espectro no nosso relacionamento intelectual com a sociedade chega para ficar e muito se ampliar, para grandio nosso e de todos. Serão incontáveis os novos participantes beneficiados.

# CADERNOS DO SEMIÁRIDO, *Palavra do Presidente da UFRPE.*



**Marcelo Carneiro Leão**  
Reitor da UFRPE

A série Cadernos do Semiárido tem se constituído em uma publicação de extrema relevância na disponibilização de informações sobre diversos temas relacionados ao semiárido. Estas informações elaboradas por diversos especialistas, promovem uma apropriação por vários atores que lidam cotidianamente com estas questões, levando a construção de conhecimento fundamental para melhorar as atividades produtivas, econômicas e o cotidiano no semiárido.

Os Cadernos de nº 22 , da série: “Cadernos do Semiárido - Riquezas e Oportunidades”, correspondem aos volumes I e II, com o tema “Tudo isso é Repente, de Ilo Francisco Marques de Barros Barreto.

Reconhecida como patrimônio cultural imaterial, os temas e textos da Literatura de Cordel recebem apreço da população originária de todo Semiárido Brasileiro. A veia poética de uma expressiva parcela dessa população já vem com ela desde o nascer. É paixão geral. Cidades promovem competições em escolas ou em praças públicas, repentistas se apresentam com seus rasgos de inteligência de fazerem inveja, são manifestações culturais promovendo namoros e paixões.

A literatura de cordel é tema inspirador para os ilustres Ilo Barreto, Argemiro Leite, Lúcio Almeida, Dedé Monteiro, que tem emocionado seu público e recebido calorosos aplausos pelas glosas e os repentes que eles sabem criar e fazer. Na sua bem elaborada Antologia da Literatura de Cordel, Sebastião Nunes Batista oferece amplas e ricas informações, sobre as suas origens, o Nordeste como ambiente sociocultural destacado, a figura do cantador, os temas preferidos, a significação social e a influência dos modernos meios de comunicação.

Mergulhemos, com a licença poética, nesta fantástica leitura!!!

## CADERNOS DO SEMIÁRIDO, *Palavra do Presidente do CREA.*



**Adriano Antonio de Lucena**  
Presidente do Crea-PE

Para conhecer o Nordeste, em verso e prosa, um mergulho no repente é uma verdadeira aula sobre a região. A arte reflete a alma do nordestino criativo, perspicaz, poético, artista. Com seus versos de improviso, canta e conta histórias de uma forma peculiar. Uma arte tão antiga, remonta ao século 19, cuja origem foi registrada na região de Teixeira, na Paraíba, precisa ser preservada, divulgada e reconhecida por todas as gerações, em todo o País.

A publicação Cadernos do Semiárido - Riquezas & Oportunidades - Volume 22 traz nesta edição este reconhecimento. “Tudo isso é de Repente”, de Ilo Francisco Marques de Barros Barreto, oferece aos leitores uma imersão no mundo das rimas. A iniciativa de criação das publicações Cadernos do Semiárido nasceu do empenho do professor e engenheiro civil Mário de Oliveira Antonino. Dedicção que merece os maiores aplausos e reconhecimento.

O repente é classificado de cordel cantado. Seus poetas são chamados de cantadores, repentistas ou violeiros. Atuam sempre em duplas, alternando-se no canto de estrofes compostas sob regras bastante rígidas de rima, métrica e coerência temática. Presenciar uma disputa de rimas é um deleite à alma nordestina. De tão importante

para a cultura, o repente foi reconhecido em 11 de novembro de 2021 como Patrimônio Cultural do Brasil.

Temas mais diversos propostos são cantados com uma sabedoria de orgulhar qualquer espectador. Que o diga o trecho da poesia cantada por Manoel Filomeno, o Mané Filó: “Não me vem, pelo desejo, tudo aquilo que espero; não quero as coisas que vejo, não tenho as coisas que quero! Por muito prazer que a gente na vida já tenha tido, só presta o que está na frente, o que passou foi perdido!”

A preservação e incentivo à cultura pernambucana e nordestina estão enraizadas na pauta cotidiana do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco (Crea-PE). É um propósito da atual gestão construir uma sociedade que valorize sua cultura, orgulhe-se da sua origem. Orgulho tão grande, que nem precisa de rima para ressaltar o repente. Basta apoio, divulgação, incentivo. Valorização que o Crea-PE vem realizando com grande entusiasmo e orgulho.



# **SUMÁRIO**

|                                      |           |
|--------------------------------------|-----------|
| Esclarecimentos.....                 | <b>6</b>  |
| Palavra do Presidente da UFRPE ..... | <b>8</b>  |
| Palavra do Presidente do CREA .....  | <b>10</b> |
| Prefácio .....                       | <b>16</b> |
| Quadra .....                         | <b>20</b> |
| Pacerla.....                         | <b>24</b> |
| Sextilha.....                        | <b>28</b> |
| Rotary .....                         | <b>82</b> |





# Tudo Isso é de Repente

Coletânea  
2022

VOLUME 1



## ¶ Prefácio

Oscar Wilde pondo a modéstia no lado devido: Não tenho nada a declarar, a não ser a minha genialidade!

Na Serra do Teixeira, sertão da Paraíba, segunda metade do século XIX, esse substantivo apareceu no lado devido: nascia a genialidade do repente.

E os nomes são muitos: Dez de Queixo Caído, Martelo Alagoano, Oitavão Rebatido, Quadrão Perguntado, Sete Linhas, Mourão em Sete, Você Cai, Mourão Voltado, Quadrão em Oito, Quadrão em Dez, Quadrão à Beira-mar, Gabinete, Toada Alagoana, Oitava Rebatida, Nove Palavras por Seis, Galope à Beira-mar, Parcela, Martelo Agalopado, Quadrão Mineiro,

Meia Quadra, Glosa, Gemedeira, Sextilha, Pé de Parede, Rojão Pernambucano...

Quem os tomou do imaginário?

Quem, no afã de fazer melhor, de melhor dizer, na pressa do mais achar, foi alongando o verso, quem foi encurtando a rima, quem foi se apoiando de repente na arte do improvisado?

Creio que o gênio de cada um, os cantadores, gênios do riso e do sério, iletrados uns, cheios de pose outros, modestos, orgulhosos, às vezes exibindo cultura espantosa e tirada, continuo pensando, da necessidade atávica de esgrimir com a palavra, de dar vazão ao lirismo.

De repente você pega — pega, mesmo,

apalpa, enche a mão e o peito porque o verso deles (e o anverso também) não é apenas telúrico — uma peleja e vê o desafio, vê o adversário destripado, vê a alma liberta dos concorrentes, o gosto e o gesto, os amores, os avessos, as cismas, as preferências, o xodó e o quê mais...

E cada um tem um jeito de dizer, cada um tem uma forma de atizar: um é bom nisso, outro, naquilo!

Às vezes, um “é o cão do segundo livro” (nem me perguntem sobre o cão e nem sobre o segundo livro, que não sei onde ambos se metem) no martelo agalopado, o outro “é o cão chupando manga” (também nada sei que possa esclarecer as doçuras do assunto) na sextilha, e um outro “é a peste de bom” no quadrão perguntado...

São mil e uma as formas de cantar! Eles se põem um defronte do outro e de repente desata-se o nó da poesia, rimas e métricas perfeitas e ordenadas numa velocidade surpreendente e apenas compatível com o gênio deles. O desafino não tem importância, mas a falta de ritmo tem!

Cada um que se esmere, os neurônios a mais de mil por hora, na elucubração do verso gritado e rimado e metrificado e engraçado e... de repente!

Quando é preciso eles até falseiam a gramática, linguagem própria, ou exibem sérios

e vastos conhecimentos; empulham o parceiro, medem-lhes os vigos e no fim, ambos, desafiados pelo verbo, se declaram vencedores porque poetas.

Por isso, durante as pelejas, a gente pode encontrar metáforas, vaticínios, promessas, provocações, safadezas, amabilidades, deduções as mais brilhantes, as mais elegantes, e todas — isso ninguém faz, somente eles — inspiradas de repente.

Porque uma coisa é tecer a vida de braço dado com o tempo, esse muito tempo para pensar, para medir e pesar as palavras, dosar as circunstâncias, poupar as idiosincrasias ou apontá-las...

Outra, é tê-la feita de repente, rimada e metrificada, bonita e acentuada e inteligente.

Esse, o encanto, esse, o incomum, esse, o genial, quando o leitor analisa o repente do verso, alguns segundos dedicados à elaboração da rima, da métrica e da ideia, tudo junto. Alguns segundos, não mais!

Bandeira<sup>1</sup> - na minha modesta opinião, um dos maiores poetas da Língua Portuguesa - desenhou-se assim ao abordar essas genialidades do repente:

1 Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho (1880/Recife, PE – 1968/Rio). Professor, tradutor e crítico de arte e literário. Graduado em Letras.



*Fui juiz numa função  
de violeiros do Nordeste.  
Cantando em competição,  
vi cantar Dimas Batista  
e Otacílio, seu irmão,  
ouvi um tal de Ferreira,  
ouvi um tal de João,  
um a quem faltava um braço,  
tocava cuma só mão,  
mas como ele mesmo disse,  
cantando com perfeição,  
para cantar afinado,*

*para cantar com paixão,  
a força não está no braço,  
ela está no coração.  
Ou puxando uma sextilha  
ou uma oitava em quadrão,  
quer a rima fosse em inha,  
quer a rima fosse em ão,  
caiam rimas do céu,  
saltavam rimas do chão!  
Todo mundo bem medido  
no galope do sertão,  
a Eneida estava bobão,  
o Cavalcanti bobão,*

*o Lúcio, o Renato Almeida,  
enfim, toda a comissão.  
Sai dali convencido  
que não sou poeta, não;  
que poeta é quem inventa  
uma boa improvisação  
como faz Dimas Batista  
e Otacílio, seu irmão,  
como faz qualquer violeiro,  
bom cantador do sertão,  
a todos os quais, humilde,  
mando a minha saudação.*



# Aos Cantadores

Diniz Vitorino<sup>2</sup>

*Ilustres colegas, fiéis andarilhos,  
ó amados filhos das musas celestes!  
Eu vos enalteço, chorando ou sorrindo,  
por tudo de lindo que em versos fizestes.*

*Poetas gigantes, caboclos aedos,  
os vossos dez dedos são teclas caipiras,  
cavando saudades em mundos de anseios,  
tirando gorjeios das bocas das liras.*

SER POETA É TIRAR DE ONDE NÃO TEM E BOTAR ONDE NÃO CABE!

Pinto do Monteiro<sup>3</sup>

“O historiador e o poeta não se distinguem um do outro pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso. Diferem entre si porque um escreve o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido.”

Aristóteles<sup>4</sup>

2 1940/Lagoa do Monteiro, PB – 1910/Caruaru, PE. Mestre da poesia. Erudito, fez sonetos, repentis, cordéis, gravou álbuns. Publicou vários livros.

3 Severino Pinto (Lagoa do Monteiro, (PB.)

4 Filósofo grego.(384 a.C 322 a.C./Estagira).



# Quadra

Tem a fama de vir da Idade Média. Na arte de escrevê-la, o praticante exercita a simplicidade, a objetividade, a clareza, a criatividade, além das obrigadas métrica e rima.

Fernando Pessoa<sup>5</sup>: “A quadra é o vaso de flores que o povo põe na janela da sua alma!”

Era a forma popular preferida dos cantadores e ainda é muito usada. Heptassílabo quanto à métrica, a rima se obriga (ou se abriga) em dois versos, normalmente o 2º e o 4º, mas nada impede que o 1º rime com o 4º ou/e o 2º com 3º.

Lauro Silva<sup>6</sup>, extraordinário versejador, deixou pérolas como essa:

*Os decotes vão descendo,  
as saias subindo vão...  
Aguardo o dia estupendo  
em que eles se encontrarão!*

Manoel Filomeno<sup>7</sup> na cantoria ficou como Mané Filó; o nome encurtou, ao contrário da poesia! Gostava particularmente das trovas (quadras):

*Não me vem, pelo desejo,  
tudo aquilo que espero;  
não quero as coisas que vejo,  
não tenho as coisas que quero!  
Por muito prazer que a gente*

5 Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888/Lisboa – 1935/Lisboa). Poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, escritor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, crítico literário. Foi considerado “William renascido”, tal a familiaridade com a língua inglesa. (1904/Pindamonhangaba, SP – 1978/Pindamonhangaba).

6 (1904/Pindamonhangaba, SP – 1978/Pindamonhangaba). Poeta exímio, graduado em Farmácia, poliglota.

7 Manoel Filomeno de Menezes (1930/Afogados da Ingazeira, PE). Grande poeta repentista.

*na vida já tenha tido,  
só presta o que está na frente,  
o que passou foi perdido!*

Bio de Crisanto<sup>8</sup> era paraplégico, mas a mente ia como um raio. Ele comenta com amargor e de repente a péssima distribuição das riquezas do País:

*A pátria do miserável  
não tem bandeira nem nome:  
para que nome e bandeira  
onde se morre de fome?*

O repentista Belmiro Braga<sup>9</sup> lembra, numa quadrinha, o correto das saudações:

*Nas sombras de algum jazigo  
alguém murmura de leve,  
“Adeus, para sempre, amigo!”  
O morto diz: “Até breve!”*

Saber exatamente quem foram Zefinha do Chabocão e Jerônimo do Junqueiro, confesso que não sei. Mas li, em Câmara Cascudo<sup>10</sup>, anotações de uma peleja havida entre os dois. Era um tipo de desafio com perguntas e respostas versejadas. No português gostosamente zerado, anote-se como o verbo florar é muito mais vicejante:

Pergunta Zefinha:  
*Se você é cantadô,  
se você sabe cantá,  
me arresponda num repente  
se pedra fulorará?*

8 Severino Cordeiro de Souza (1929/São José do Egito, PE – sem registro de falecimento). Escritor e poeta.

9 Belmiro Belarmino de Barros Braga (1872/Vargem Grande, hoje Belmiro Braga, MG – 1937/Belmiro Braga). Poeta e literato.

10 Luís da Câmara Cascudo (1898/Natal, RN,-1986/Natal). Historiador, antropólogo, advogado e jornalista.

O outro entende tudo e manda o cifrado de volta:

*Se pedra fulorará  
eu lhe digo num repente:  
aos dispôs de Deus querê,  
fulora e bota semente!*

A linguagem do nordeste sertanejo parece mais fácil, mais fluente, até mais objetiva. Além do cantadô, do arresponda, o verbo florar dito por eles (fulorará) exala muito mais aroma!

*E essa magistral quadrinha, que eu não sei de quem é, mas...  
Eu sei que daqui a pouco  
vai nascer um sol de novo,  
igual à gema do ovo  
dentro da clara do dia!*

E esta outra, virtual (e obrigatoriamente) sem dono:

*“Fui ao salão de beleza!”,  
diz a esposa embevecida.  
E o marido, com surpresa:  
“Por que não foste atendida?”*

Além dessa outra, anonimamente ofendendo com extrema gravidade a língua portuguesa, mas um diamante de composição:

*Na vida tudo se acaba,  
na vida tudo tem fim:  
morre o cabo e morre a “caba”,  
só quem não morre “sou mim”!*

Heleno Cai-Cai, irmão de Pinto do Monteiro é, dos dois, quem se lembrou melhor da mãezinha querida:

*Às vezes eu fico à toa  
Lembrando minha mãezinha...  
Sei que toda mãe é boa,  
Mas boa mesmo é a minha!*

O cantador Mané Neném<sup>11</sup>, revoltadíssimo com a velhice:

*Hoje que estou velho e feio,  
a coisa que mais me irrita  
é ver este mundo cheio  
de mulher nova e bonita!*

Passarinho<sup>12</sup> avisa, por sua vez:

*De amor a gente não muda  
de ano em ano, mês a mês:  
amor é que nem bexiga,  
só dá na gente uma vez!*



11 Manoel Floriano Ferreira. Nasceu em Bom Conselho, PE.

12 José Alves Passarinho (1921/Pedra Lavrada, PB – 2011/Campina Grande, PB). Arguto poeta.



# Parcela

Parcela é uma décima com versos de quatro ou de cinco sílabas, conhecida também pela denominação de “décima de versos curtos”. Foi a forma oral que se firmou primeiro, mas sem nenhum compromisso com a métrica ou com o número de versos.

O verso da Parcela é de 4 sílabas:

*Eu sou judeu  
para o duelo  
cantar martelo  
queria eu  
o pau bateu  
subiu poeira  
aqui na feira  
não fica gente  
queimo a semente  
da bananeira.*

Os versos eram ditos com muita velocidade no intuito de confundir o adversário.

Manoel da Luz Ventania revidou pelo ataque a Bananeiras, terra de seu nascimento:

*Sou bananeira  
do alagadiço!  
Você diz isso  
por brincadeira!  
Meto a madeira,*

*quebro a viola!  
só me consola  
te ver, um dia,  
de vara e guia,  
pedindo esmola!*

Firmino Teixeira do Amaral<sup>13</sup>, cunhado do Cego Aderaldo<sup>14</sup>, tem o primeiro registro da Parcela de Cinco Sílabas. Ele registrou duas estrofes da peleja entre o Cego Aderaldo e Zé Pretinho<sup>15</sup>.

*Zé Pretinho:  
No sertão eu peguei  
um cego malcriado  
danei-lhe o machado,  
caiu, eu sangrei,  
o couro tirei  
em regra de escala,  
espichei na sala,  
puxei para o beco,  
depois dele seco  
fiz dele uma mala.*

*Cego Aderaldo  
Negro, és monturo,  
molambo rasgado,  
cachimbo apagado,  
recanto de muro,  
negro sem futuro,  
perna de tição,  
boca de porão,  
beijo de gamela,*

13 (1896/Amarração, PI – 1926/Parnaíba, PI). Poeta e jornalista.

14 Aderaldo Ferreira de Araújo (1878/Crato, CE – 1967/Fortaleza, CE). Poeta repentista famoso; adotou 24 crianças.

15 José Aparecido Rodrigues dos Santos. Poeta repentista.

*venta de moela,  
moleque ladrão.*

Da peleja de José Félix com o cego Benjamim Mangabeira colhemos:

*J.F. - Sou velho na vida,  
sou feito na arte ...  
de parte a parte,  
conheço a batida!  
Na trilha seguida,  
levanta poeira!  
e, na cachoeira,  
as águas descendo,  
e o povo dizendo:  
“Correu, Mangabeira!”*

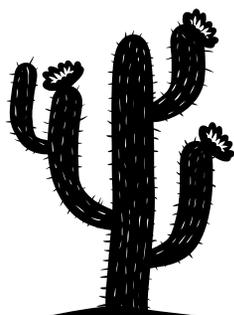
B.M. - Eu dou, tu apanha!

*eu vou e tu fica!  
levando tabica  
por causa da manha!  
Foi tua campanha,  
caído no porre,  
eu vivo, tu morre!  
É no K, é no L!  
conhece Zé “Fele”,  
Mangaba não corre!*

Da imortal peleja de José Pretinho com o cego Aderaldo, escrita pelo genial poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral, mais registramos estas Parcelas de Cinco Sílabas:

A. - Negro é raiz  
que apodreceu!  
Casco de judeu,  
moleque infeliz!  
vai pra teu país:  
senão eu te surro,  
dou-te até de murro!  
tiro-te o regalo,  
cara de cavalo,  
cabeça de burro!

J.P. - Fale doutro jeito,  
com melhor agrado,  
seja delicado,  
cante mais perfeito:  
olhe, eu não aceito  
tanto desespero...  
cante mais maneiro,  
com verso capaz,  
Façamos a paz:  
reparta o dinheiro





# Sextilha

É o gênero preferido dos cantadores. O 2º, o 4º e o 6º versos rimam entre si, os outros são livres. Quando dois cantadores se põem em peleja, a rima do primeiro verso do segundo cantador é ditada pelo 2º verso do que começou a peleja. A métrica segue heptassílabo.

Começemos com o poeta Adauto Ferreira, que saiu do campo para a cidade, mas voltou a tempo:

*Pobre morando em cidade  
de qualquer forma se aperta.  
a conta da luz não falta,  
a conta da água é certa,  
de graça só entra o vento  
quando encontra a porta aberta!*

Jó Patriota<sup>16</sup> deixou escapar um mote, que Mané Filó aproveitou em sextilha:

Inseto tem feito coisas  
que a gente, às vezes, estranha...

*E declamou, na hora, rimas muito delicadas:  
No sertão tem uma aranha  
de uma qualidade escassa  
que tapa sua morada  
com lã da cor de fumaça.  
O tecido é tão perfeito  
que a chuva bate e não passa!*

*Mané Xudu<sup>17</sup> deu um mote...*

*Essa morena é bonita*

*como a flor da açucena!*

aproveitado magistralmente pelo outro Mané, adoçando a vaidade da moça:

*O corpo dessa morena*

*é macio igual à fuba,*

*tem a beleza tocante*

*do leque da carnaúba,*

*cheirosa igualmente à pinha*

*que o papa-sebo derruba!*

Cego Aderaldo explicando certas coisas, mais ou menos incompreensíveis:

*Eu nunca casei nem caso*

*pois tenho medo, não nego...*

*Com a minha experiência,*

*batata quente eu não pego;*

*quem tem vista leva chifre,*

*quanto mais eu, que sou cego!*

Antônio Pereira<sup>18</sup> deixou-se ficar como o “Poeta da saudade”; analfabeto, fala macia, mas sabia muito do sentimento humano:

*Quem quiser plantar saudade*

*primeiro escale a semente,*

*procure um lugar bem seco,*

*na hora do sol mais quente,*

*pois se plantar no molhado*

*quando nascer mata a gente!*

<sup>17</sup> Manoel Sobrinho (1932/São José do Pilar, PB – 1985/Salgado de São Felix, BA). Exímio poeta.

<sup>18</sup> Antônio Pereira de Moraes (1821/Itapetim, PE – 1982/Itapetim). Poeta repentista de muita sensibilidade.

*Ou:*

*Saudade é como o cobreiro  
– desses que dá na cintura –;  
saudade é como a lanceta  
no peito da criatura:  
tocou no gume, se corta;  
bateu na ponta se fura!*

*Ou:*

*Saudade é como a resina  
do amor de quem padece;  
o pau que resina muito,  
quando não morre, adocece...  
É como quem tem saudade,  
quando não morre, anoitece!*

Adivinhando um saudoso fim de tarde:

*A noite passa tristonha.  
Quando é de manhãzinha,  
que a gente vê a aranha  
tecendo, puxando a linha,  
já é medindo o tamanho  
de uma saudade à tardinha!*

Analfabeto, mas genial:

*Saudade é tudo e é nada,  
saudade é como perfume...  
Eu só comparo saudade  
com o peso do ciúme,  
que a gente carrega o fardo,*

*mas não conhece o volume!*

Antônio Pereira também descreve a saudade de uma tarde pintada em suaves tintas e muita, muita poesia:

*Quando a tarde vem findando,  
a saudade é sentinela.  
Quando o cinema do sol  
deixa uma fita amarela  
e as nuvens ficam cinzentas...  
- Não é outra coisa: é ela!*

Canhotinho<sup>19</sup> (alguns cantadores são identificados, além do apelido, pelo nome do sítio onde nascem, da cidade ou do Estado natal), anotadas as sinonímias que ele achou por bem descobrir na sextilha:

*Quem inventou esse S  
com que se escreve saudade,  
é o mesmo que inventou  
o F de falsidade  
e o mesmo que fez o I  
da minha infelicidade!  
Também dele:  
Quando era injusto o Brasil  
os pretos se cativaram.  
O choro dos filhos brancos  
as mães pretas consolaram  
e o leite dos filhos pretos  
os filhos brancos mamaram!*

Dele também, tudo feito na hora, pão quentinho:

*Eu já não suporto mais  
do tempo tantas revoltas...*

*Prazer, por que não respondes?*

*Mágoas, por que não me soltas?*

*Presente, por que não foges?*

*Passado, por que não voltas?*

João Paraibano<sup>20</sup>, é um dos mais inspirados poetas do sertão. Residia em Afogados da Ingazeira, PE. Tanto era excepcional no repente quanto na poesia lírica, clássica. É dele essa maravilhosa sextilha:

*Eu, olhando a estiagem,  
deitado na minha rede,  
vi um açude sem água  
com três rachões na parede  
e uma abelha no velório  
da flor que morreu de sede!*

Dele também essa outra, preciosa:

*Cai a chuva no telhado,  
a dona pega e coloca  
uma lata na goteira,  
onde a água faz barroca:  
cada pingo é um baião  
que o fundo da lata toca.*

O grande repentista piauiense Domingos Martins<sup>21</sup> usava a sextilha com muito apuro. Era mestiço, o que provocou esse comentário na resposta a um companheiro de cantoria que lhe ofendeu assim:

*Domingos, além de pobre  
pertences à triste cor!  
Lá vai Domingos, riquíssimo:  
Falar em pobreza e cor  
é um grande orgulho teu!*

<sup>20</sup> João Pereira da Luz (1952/Princesa Isabel, PB- 2014/Recife). Poeta extraordinário, não apenas no repente: nos clássicos também!  
<sup>21</sup> Domingos Martins da Fonseca (1913/Miguel Alves, PI – 1958/Fortaleza, CE). Poeta repentista.

*Morra eu e morra o nobre,  
enterre-se o nobre e eu,  
que depois ninguém separa  
o pó do rico do meu!*

Pinto do Monteiro via a coisa pelo mesmo prisma:

*Passou um enterro rico  
e outro de causar dó;  
um com cento e vinte carros,  
outro vai num carro só...  
Mais importante é que a terra  
vai reduzir tudo a pó!*

Esse Severino Lourenço da Silva Pinto<sup>22</sup>, um dos maiores cantadores de todos os tempos. Mirrado, típico sertanejo, tinha no improviso a arma mais afiada e temida pelos seus pares. Antes de se afamar como cantador foi vaqueiro, soldado da Polícia pernambucana e mourejou na Amazônia. Talvez, por isso, no repente era uma fera.

Firmo Batista, um oponente, findou a sextilha se gabando:

*Pinto, não brinque comigo,  
que eu sou um cantador mau!*

Ficou assim:

*E eu sou como o lacrau  
que do lixo se aproxima,  
se alimenta sugando  
a umidade do clima,  
para ver se um besta assim  
chega e bota o pé em cima!*

22 (1895/Monteiro, PB – 1990/Monteiro). Anos de genialidade. Suas respostas rápidas, versejadas e irreverentes eram comuns nas cantorias. Conhecido como “Casca-vel do Repente”.

O pessoal, entre o medo e a oportunidade, brincava muito com Pinto. Uma vez um cantador se aproveitou do nome dele:

*Quando eu for pro outro mundo  
vou lhe promover a galo!*

Saiu-se mal, o coitado:

*Se eu gozar desse regalo,  
concedendo a Providência,  
quando eu for pro outro mundo,  
havendo essa transferência,  
você vai como galinha  
para a mesma residência!*

Outro cantador louvou o ato amistoso de como a gente sertaneja acolhe o visitante:

*Não sei medir o tamanho  
dessa gente sertaneja!*

Se é que se pode dizer, numa hora de enfática inspiração, Pinto traduziu a nímia gentileza do sertanejo, toda sua entrega ao hóspede, casa aberta, o dono é quem chega:

*Que eu esteja em casa ou não esteja,  
chegue, entre e arme a rede.  
Coma se estiver com fome,  
beba se estiver com sede,  
e se quiser descansar  
empurre o pé na parede!*

Linda metáfora, rede armada, a parede empurrando o balanço e o descanso!

As cantorias se valem do que arrecadam: geralmente passa-se uma cuia de mão em mão, o dinheiro

pinga. Numa delas um rapaz jogou uns trocados, coisa pouca, demorou a abrir o bolso, umas moedinhas até caíram no chão, Pinto ficou furioso:

*Pela demora eu sabia  
que era um ponta de rama.  
Gente dessa qualidade,  
Pinto, cantando, não chama,  
que cabra ruim não dá leite  
e o pouco que dá, derrama!*

Ofendido por Josué da Cruz<sup>23</sup> quanto aos seus poucos dentes (Pinto foi bom cantador, / não é mais, está banguelo!), replicou afoito (acentuo a atenção do poeta-repentista, para começar a sextilha com a última rima ouvida):

*Pois trave lá seu duelo  
com fé em Deus e na Santa.  
Você só me fala em dente,  
mas dente não adianta,  
que sabiá não tem dente  
e é o que mais bonito canta!*

Pinto, parece, amava Mocinha da Passira<sup>24</sup>, poetisa, boa de viola, de outras coisas não sei. Foi quando João Furiba chegou e se foi, mas com Mocinha ao lado.

João de Alencar, sem ser o afamado escritor cearense, sabedor de histórias, perguntou a Pinto numa cantoria:

*Ô Pinto, me dê notícia  
de Mocinha da Passira?*

23 Josué Alves da Cruz (1904/Serraria, PB - 1968/Araras, PB). Um glorioso repentista.

24 Maria Alexandrina da Silva (1948/Passira, PE). Primeira mulher poeta repentista do mundo.

As explicações cabíveis:

*Viajou com João Mentira,  
toda metida a donzela,  
ele dizendo, onde passa,  
que é o namorado dela.  
– Não presta ela e nem ele,  
não canta ele e nem ela!*

O cantador Manuel Bandeira, sem ser o ilustrado poeta pernambucano, botou banca:

*Manoel Galdino Bandeira,  
de São José de Piranha,  
dá grito no pé de serra,  
chega estremece a montanha;  
cantador na minha unha  
ou corre ou morre ou apanha!*

O velho Pinto não se intimidou:

*Eu, como ando em campanha  
no solo paraibano,  
se eu pegar sua bandeira  
queimo a haste e rasgo o pano,  
que o remendo menor  
pra costurar leva um ano!*

A arrecadação estava boa, a cantoria seguia célere, os cantadores tecendo loas aos presentes. Foi quando um soldado da Polícia (cansada de ser “perseguida” por Lampião) colocou uns miseráveis vinténs na cuia.

Pinto, inconformado:

*Forçar eu não vou forçar,  
que a minha força é pequena;*

*matá-lo também não posso,  
que a justiça me condena...  
Mas Lampião ter morrido,  
ô coisa de fazer pena!*

Louro do Pajeú<sup>25</sup> era um brincalhão. Pinto contava (cantava) bravatas, ele gozou:

*Isso era antigamente  
quando você era macho,  
mas veio um cabra perverso  
passou-lhe a faca por baixo,  
o sangue correu na perna,  
o gato aparou o cacho!*

Não prestou! Pinto reagiu com violência à afronta:

*Enfraquecido eu me acho  
por um cabra mau e bruto.  
Quando correu a notícia  
que eu perdi esse produto,  
sua mãe chorou três dias,  
inda hoje 'tá de luto!*

Pinto cantava com Lourival, mas escorregou na pronúncia:

*Lourival você é mesmo  
um bamba na cantoria,  
pois tanto tem improviso  
como tem muita teoria,  
porém para os companheiros  
lhe falta 'diplomacia'.*

Lourival foi em cima:

*Você tem muita poesia  
como em outro eu nunca vi,  
porém o seu português  
é fraco pelo que ouvi,  
dizendo o 'diplomacia'  
tire o 'e' e bote 'i'.*

Pinto desculpou-se (anotem o tom de conversa, mas rimado e metrificado):

*Troquei o 'e' pelo 'i',  
fiz nas letras a mistura,  
mas o colega desculpe,  
não é falta de cultura,  
pois tudo isto acontece  
a quem não tem dentadura.*

Lourival insistiu:

*Lourival não lhe censura  
por pronunciar assim,  
mas se é por falta de dentes  
bote outros de marfim  
pra não errar outra vez  
que vier cantar 'com mim'.*

Aí foi a vez de Pinto pegar firme no descuido:

*Agora eu achei ruim  
a frase do meu amigo.  
Onde foi que você viu  
'com mim' em vez de comigo?  
Eu disse 'diplomacia',*

*mas uma dessa não digo.*

Faustino Vilanova<sup>26</sup> (pai de Ivanildo Vilanova<sup>27</sup>), que não pode ter puxado ao filho nas arrogâncias, disse a Pinto:

*Todo profissional  
respeita José Faustino!  
É mesmo?  
Te conheci de menino  
lá em Gonçalo Ferreira,  
mas a tua cantoria  
é como disco de feira:  
levando agulha no fundo,  
cantando a mesma besteira!*

Um cearense exaltava sua terra, onde grandes coisas aconteciam. E exemplificava: Rogaciano Leite<sup>28</sup>, um grande poeta pernambucano, graduou-se por lá, bacharel em Direito; Domingos Fonseca foi nomeado secretário; e Dimas Batista<sup>29</sup> (elogiado cantador, irmão de Louro e de Otacílio) era vice-prefeito.

*Pinto não achou graça em ninguém:  
Aonde Rogaciano  
for bacharel em Direito,  
Domingos for secretário  
e Dimas vice-prefeito...  
- Ô terra pra não ter homem,  
ô coisa pra não ter jeito!*

26 José Faustino Vilanova (1909/Caruaru, PE – 1968/Caruaru). Grande repentista.

27 (1945/Caruaru, PE). Excelente cantador.

28 Rogaciano Bezerra Leite (1920/São José do Egito, PE – 1969/Rio). Poeta (clássico e repente) e jornalista. Tem, na Praça de Moscou, um poema (Os Trabalhadores) gravado.

29 Dimas Batista Patriota (1921/São José do Egito – 1986/Fortaleza, CE). Poeta repentista, poliglota, historiador, geógrafo, professor, escritor.

João Furiba<sup>30</sup> quis dar um conselho a Pinto, quanto aos fracos lucros de uma bodega:

*Pinto, se quiser freguês  
na sua mercearia,  
escute um conselho meu  
que lhe aumenta a freguesia:  
basta colocar meu nome  
em cada mercadoria!*

Impressiona o tom de conversa com que eles se põem a rimar e a metrificar:

*Furiba, a mercadoria  
que nela tiver seu nome,  
se chegar um gabiru  
com quinze dias de fome,  
cheira o pão, mija no queijo,  
passa por cima e não come!*

Em Caruaru um senhor Severino, homem muito rico e conhecido de Furiba, presenciava a cantoria.

Furiba quis ser delicado:

*Temos mais na cantoria  
esse grande nordestino.  
Pinto, nem tanto:  
Sente aí, seu Severino,  
e pague a nós se quiser,  
pois rico em casa de pobre  
alguma coisa ele quer:  
ou a sela ou o cavalo  
ou a filha ou a mulher!*

Logo depois o dono da casa ofereceu um cafezinho e, ao passar pela sala de jantar, os cantadores viram o Severino dando uns apertos na filha do morador. Pinto falou baixinho: “Eu não disse!”

Comentando, em sextilha, a primeira bermuda que apareceu no sertão. Muita agudeza e, talvez, pouca agulha e linha:

*O alfaiate que fez essa  
na certa errou a medida.  
É a calça mais estranha  
que eu já vi na minha vida:  
‘tá comprida pra ser curta  
e é curta pra ser comprida!*

Outra sextilha de Pinto. Ele cantava com Ivanildo Vilanova, filho de outro notável cantador, Zé Faustino. Como achava que ganhava dos dois, pai e filho, meteu o Espírito Santo na conversa:

*Com Zé Faustino cantei  
e fiz ele derramar pranto,  
hoje canto com o filho  
porque meus versos garanto.  
- Dei no pai e dou no filho  
e arroxó o Espírito Santo!*

E ainda outra, lamentando com malícia a idade avançada:

*Depois de velho fiquei  
com a minha vista cansada.  
Por exemplo, uma pessoa  
daqui pra aquela calçada,  
sendo mulher inda vejo,  
mas homem, não vejo nada!*

Pinto do Monteiro cantava com Joaquim Vitorino que terminou uma estrofe assim, digamos, indelicadamente:

*Não é pinto e nem é galo,  
como tornou-se capão<sup>31</sup>?  
Pinto, do jeito mesmo que ele gostava:  
Para tornar-me capão  
a resposta é bem pequena:  
pelaram a parte precisa,  
cortaram e se deu a cena:  
a sua mãe quando soube  
chorou um ano com pena!*

A outro cantador que, exagerando ao contrário, o chamou de galo velho, Pinto fuzilou:

*Pois se vire numa franga  
que eu quero pegá-lo agora,  
os pés segurando o corpo,  
as asas fazendo escora,  
o bico ferrando a crista  
e o resto eu digo outra hora!*

Pinto e Lourival se encontraram muitas vezes. Em Patos, PB, acabada uma cantoria, alguém colocou um cheque na bandeja e Louro provocou:

*Se o cheque não tiver fundo,  
Pinto dá o fundo a mim!*

A resposta de Pinto, no ato:

*Nunca pratiquei assim,  
a razão digo porquê:  
se o pessoal lá do banco*

*negar o fundo a você,  
se o cheque não tiver fundo  
pegue o seu fundo e me dê!*

De outra feita, o outro cantador tinha dificuldade em responder e Pinto comparou, sarcástico:

*Cantar com cantador ruim  
é como correr na pista  
com um carro velho, sem freio,  
um chofer curto da vista  
e um doido gritando em cima:  
“Atola o pé, motorista!”*

Pinto casou-se (quarta vez) em idade já avançada e sua mulher, também idosa, em vez de resolver o problema tornou-se mais um. Quando a mulher morreu Pinto improvisou, quase cruel:

*Dona Maria morreu,  
me deixou na viuvez.  
Eu vou lembrar sempre a data,  
o ano, o dia e o mês:  
foi esse o maior favor  
que a dona morte me fez!*

Bem velhinho, mas com a mesma força, Pinto cantava:

*Na situação que vivo  
de gozar perdi a fé;  
com noventa e seis de idade,  
andando de marcha ré,  
a dezena é de veado,  
porém o dono não é!*

Também impressiona neles, nos repentistas, o pronto conhecimento geral, como nesse caso em que um deles terminou assim a estrofe:

*E Abraão saudou Jesus  
na casa do Pai Eterno!*

Ele bem que podia estar certo em se tratando de coisas de céu, mas Pinto não quis nem saber:

*Vá mentir lá no inferno,  
cantador intrometido,  
que quando Abraão viveu  
Jesus nem tinha nascido  
e quando Jesus nasceu  
Abraão tinha morrido!*

Furiba insultou dizendo que ia fazer de Pinto uma égua pra sua (sua dele, como preferia Machado de Assis) mãe montar:

Ficou assim:

*Furiba, não faça isso  
que você se desmantela,  
que pode a égua espantar  
ou então virar a sela,  
sua mãe cair em cima  
e eu cair montado nela!*

E pode ser encontrado, neste monumento de poesia, uma forma filososal:

*Eu comparo esta vida  
com a curva da letra S:  
tem uma ponta que sobe,  
tem outra ponta que desce  
e a volta que dá no meio  
nem toda gente conhece!*

Vamos ficar com saudade de Pinto do Monteiro, repetindo-lhe a imensa poesia:

*Essa palavra saudade  
conheço desde criança.  
Saudade do amor ausente  
não é saudade é lembrança.  
– Saudade só é saudade  
quando morre a esperança!*

Ivanildo Vilanova termina uns versos se vangloriando:

*Sou um grande cantador!*

Dimas Batista rebate fortemente, sem reconhecer por inteiro os méritos da família:

*Você é decorador!<sup>32</sup>  
Onde foi casa é tapera.  
Filho de gato é gatinho  
e filho de fera é fera.  
Você não roubou, herdou,  
porque seu pai também era!*

João Benedito<sup>33</sup>, filosofando. E quando o poeta filosofa, haja verdade enfeitando o verso ou haja verso enfeitando a verdade:

*Há, entre o tempo e o homem,  
contradições bem fatais:  
o homem não faz, mas diz,  
o tempo não diz, mas faz,  
o homem não traz nem leva,  
mas o tempo leva e traz!  
Aos 80 anos, um autorretrato:*

32  
33

Referindo-se ao verbo decorar, saber de cor.  
João Viana dos Santos (1860/Esperança, PB – 1943/Remígio, PB). Repentista de fama.

Eis o resto da figura do velho João Benedito:

*fui gordo, igualmente a bola,  
estou magro, um palito.  
- Hoje é quem canta mais feio,  
foi quem cantou mais bonito!*

De Diniz Vitorino revelando conhecimento tanto bíblico como da vaidade humana. Mas a Bíblia não fala tão bonito, às vezes:

*Eu também fiz uma escada  
como fizeram os hebreus  
pra chegar ao paraíso  
com estes próprios pés meus.  
- Cai do último degrau,  
já vendo a face de Deus!*

O pernambucano João Furiba é um cantador excepcional. Ele cantou muito com Pinto, a quem atanzava. No começo, trabalhando no Paraná e indo passar as férias na Paraíba, Pinto lhe perguntou, numa cantoria, o que veio buscar no sertão.

João respondeu, sempre de olho no aperreio do velho Pinto:

*Eu peguei um avião  
na capital Curitiba<sup>34</sup>,  
para rever os poetas  
que moram na Paraíba  
e o povo vai ver um velho...*

..aí faltou rima e ele inventou: ...hoje apanhar de um furiba!

Estava batizado!

<sup>34</sup> O nome da cidade era Corytiba e o do clube também, em 1910. A cidade mudou (1912) a grafia para Curytiba, mas o clube não. O "y" caiu em 1915. O nome é indígena: terra dos pinheirais.

João Bandeira<sup>35</sup>, cantando com ele, termina assim uma sextilha:

*Você é bom repentista,  
mas é muito mentiroso!*

Furiba arremata, rápido, mas fiel à regra de começar a sextilha com a rima ditada pelo oponente:

*Mas meu Jesus poderoso  
pra cantar deu-me uma planta.  
Eu posso ser mentiroso,  
mas tenho voz na garganta.  
– Eu minto e sou cantador,  
você nem mente nem canta!*

Eles, os cantadores, se ofendem mútua e comumente, mas a coisa fica por ali; ninguém se aborrece. Um poeta, cantando com Furiba, termina uma estrofe assim:

*Seu pai também era corno!  
E Furiba:  
Devido a um café morno  
mamãe terminou morrendo.  
Se papai foi, não é mais,  
você continua sendo;  
se papai foi, não sabia,  
você é corno sabendo!*

De outra feita, Furiba cantava ao lado da sua mulher e o oponente era Lourival Batista, extraordinário poeta do Pajeú. Lourival, finalizando a estrofe, brincou com Furiba sobre o fato dele sempre estar acompanhado da mulher:

*Eu não admiro um homem  
que leva a mulher pra rua<sup>36</sup>!*

<sup>35</sup> João Bandeira de Caldas (1944/São José de Piranhas, PB). Família de exímios cantadores. Tem livros editados. É radialista e professor de História.  
<sup>36</sup> Rua, aqui, se refere à cidade. No campo não há rua!

Deu nessa maravilha:

*Pra não fazer como a sua  
que fica em casa sozinha.  
Entra homem pela sala,  
sai homem pela cozinha...  
– Como eu sou desconfiado,  
pra onde vou levo a minha!*

Desta vez, Furiba cantava com Ivanildo Vilanova, um cantador muito bom de Caruaru. E Ivanildo sempre foi muito vaidoso dos seus conhecimentos:

*Deste meu vocabulário  
não há quem chegue no fim.  
Tenho ginásio completo,  
já falo inglês e latim  
e na poesia clássica  
poeta não dá em mim!*

Furiba, zombando:

*Seu pai também era assim,  
queria ser professor,  
com tantos esses e erres  
que parecia um doutor...  
– Cantou quarenta e três anos,  
morreu sem ser cantador!*

José Feitosa<sup>37</sup>, de Calumbi, com João Furiba, ambos lamentando os tempos ruins. João comentou:  
O que eu venho arranjando  
não dá nem pro guaraná!

*Feitosa piorou a má sorte:*

*De certo dia pra cá  
eu já dei fé<sup>38</sup> que me arraso;  
penso que vou, mas não vou,  
penso que chego e me atraso,  
se faço a casa, não moro,  
arranjo noiva e não caso!*

Furiba e Pinto do Monteiro, passando por Caruaru, foram cantar num cabaré do baixo meretrício, um barraco mal coberto; defronte, uma morena bonita debruçou-se na janela para escutar a cantoria e embaixo da cadeira de Furiba deitou-se um cachorro. Enxerido, como sempre, Furiba começou:

*Em tenho toda certeza  
que essa morena bela  
vai fazer um pagamento  
que vale a beleza dela;  
se ela não pagar bem  
atiço o cachorro nela!*

Pinto, sabendo que o companheiro da moça era um desordeiro da zona, previu:

*É quando o marido dela  
entra, lhe pega e eu corro,  
para não servir de prova  
de briga de pé de morro  
e não ver duas carniças:  
a sua e a do cachorro!*

Furiba gostava muito de Pinto e o respeitava, mas o provocava também. Pinto hospedou-os; como a mulher de Furiba também era poeta, ele terminou uma estrofe dizendo:

*... basta eu chamar Carmelita  
para acochar o senhor!*

Pinto, sem nenhuma cerimônia:

*Se for acocho de amor  
aceito e fico contente;  
se ela for carinhosa,  
sou velho, mas fico quente  
e com dez ou onze meses  
o padre batiza gente!*

Alguém ainda avisou: “Pinto, a gestação é de nove meses!”

E o poeta: “Mas o batizado é depois!”

Para futucar Pinto, Furiba começou a falar das suas mulheres, acabando a sextilha assim:

*Agora casei com esta  
pra completar a maré!*

Pinto, genial, como sempre:

*Essa daí, sei quem é,  
honesto, educado e forte,  
talvez seja a mais bonita  
da Paraíba do Norte.  
- Eita, Furiba feliz!  
Ô moça pra não ter sorte!  
Furiba improvisou:  
Atravessei o Saara  
andando de bicicleta,  
matei leões a pedrada,  
feri serpentes de seta  
e das penas de uma hiena*

*fiz um blusão para a neta!*

Pinto, do seu canto, sempre fatal:

*Furiba até que é poeta,  
mas sabe ler bem pouquinho...  
Vou lhe fazer uma pergunta,  
responda, meu amiguinho:  
Quem diabo foi que lhe disse  
que hiena é passarinho?*

Alguém disse a ele, mote em tom de versejo:

*Não sei porque é que Pinto  
só canta aqui nessa esquina.*

O poeta, aclarando as evidências:

*Aqui é minha oficina,  
onde eu conserto e remendo.  
Quando o ferro é grande, eu corto,  
quando é pequeno, eu emendo;  
quando falta ferro, eu compro,  
quando sobra ferro, eu vendo!*

Furiba e Pinto estavam em Monteiro, na Paraíba, quando pediram que cantassem um “galope”.

Furiba fez a sextilha:

*Pinto, meu caro colega,  
pretendo lhe perguntar  
se você ainda canta  
um “galope à beira-mar”,  
que ao pedido do moço*

*eu não queria faltar.*

Pinto, já fraquinho e doente, respondeu:

*Eu acho melhor parar  
pra dar mais descanso à vida,  
tirar o jóquei do prado  
pra não perder a corrida;  
cavalo velho não dá  
carreira muito comprida!*

Poucos meses antes de Pinto morrer, Furiba foi à casa dele e entrou cantando:

*Tomei um destino hoje  
e vim a esta moradia  
porque encontrar com Pinto  
é motivo de alegria;  
é o mesmo que acertar  
no bolão da loteria!*

A resposta veio célere:

*Eu não imaginaria  
que você chegasse agora.  
Pra mim foi uma surpresa,  
obtive uma melhora,  
mas vou piorar de novo  
quando você for embora!*

Lourival Batista Patriota é (poesia não tem passado, é sempre presente) um dos monstros sagrados do repente nordestino. Esse pernambucano de Itapetim foi consagrado como o “Rei dos trocadilhos”: imaginação fértil, percepção aguçada, inspiração na ponta da língua, ninguém o igualou.

Independentemente dos trocadilhos, era excepcional poeta. Sobre sua família ele versejou:

*Eu me casei com Helena,  
filha de um colega teu  
e uma oitava de filhos  
lá em casa apareceu...  
São dez, nove fora, um,  
quem anda fora sou eu!*

Certa vez Francisco Mariano, um de Serrita, PE, terminou uma sextilha:

*Sou o maior cantador  
do solo pernambucano!*

Louro (era assim que o chamavam, tipo claro, olhos também) não perdoou:

*Repente de Mariano  
é como milho cozido:  
quando é insosso não presta,  
com muito sal é perdido.  
– Mas a pessoa com fome  
quando dá fé, tem comido!*

Esse dá fé é puro dialeto nordestino, quando percebe, quando presta atenção.

Mas Mariano insiste:

*Meu verso é feito de ouro,  
o seu é feito de cobre!*

Louro, nova elucidação:

*Teu verso é milho de pobre  
que a tudo desmantela;  
se vem o sol, ele murcha;  
com muita chuva, amarela;  
quando bota alguma espiga,*

*pode ir olhar que é banguela!*

O bêbado local tinha o apelido de Pedro Compasso, lá em Teixeira, na Paraíba. Louro cantava com Pinto do Monteiro quando Pedro cambaleou pelo salão:

*Ô, Pinto, preste atenção,  
que o mundo está transformado:  
olhe aí Pedro Compasso,  
que vem com o passo errado.  
Os outros compassos riscam,  
mas esse chegou riscado!*

O poeta Zé de Cazuza<sup>39</sup> conta que seu pai, um neto ao colo, ouvia os dois Lourival, o Batista (Louro do Pajeú) e o Bandeira. Este, dirigindo-se a Louro, elogiou os donos da casa:

*Lourival, eu estou vendo  
que o pessoal é amigo.  
Louro confirmou num maravilhoso trocadilho:  
Sempre gostei do abrigo  
que representa este teto.  
Depois de uma longa ausência  
sinto o prazer mais completo:  
o filho do pai, com o filho;  
o pai do filho, com o neto!*

As mulheres eram maioria na platéia, mas a cuia de dinheiro estava quase vazia. Louro reclamou, não de muito bons modos:

*Eu, de cantar pra mulher,  
já estou ficando rouco.  
Nunca pagam, quando pagam  
dão cruzado e pedem troco;*

*chegam cedo, voltam tarde,  
falam muito, gastam pouco!*

Clodomiro Paz era cabo da Polícia Militar, sem nenhuma modéstia. Cantando com Louro, esnobou:

*Canto bem, tenho dinheiro!  
Louro não concordou:  
Você não tem um cruzeiro,  
é liso que nem quiabo,  
canta ruim que só a peste,  
mente mais do que o diabo,  
é desertor da Polícia  
e anda dizendo que é cabo!*

Um cantador cearense também se gabou da terra:

*O Ceará deu grandes nomes.  
Lourival achou que ... nem tanto:  
Ceará só deu dois nomes  
do sertão até a praia:  
Padim Ciço, em Juazeiro,  
e Iracema, a da jandaia.  
- Não há como distingui-los  
se os dois só usavam saia!*

Louro foi provocado por Chicão:

*Louro já não canta mais,  
só faz é tomar cachaça!”  
Ficou assim:  
E por falar em cachaça,  
hoje tomei mais de um tubo:  
estou feito terra fraca,*

*precisando de adubo...*

*– Em mulher não subo mais,  
mas em cantador eu subo!*

Louro e Pinto cantavam num festival, no Recife, quando um fotógrafo se aproxima e, para melhorar o ângulo da foto, se acocora. Louro encaixou:

*A cantoria vai boa  
e os versos são colossais.  
– Pinto, aí da tua banda  
acocorou-se um rapaz  
e assim nessa posição  
eu nem sei o que ele faz!*

Pinto olhou o moço e mandou seu verso:

*Chegou ali o rapaz,  
começou a se bulir,  
focou na cara da gente  
e eu vi a luz explodir,  
pensei até que era um bicho  
que nos quisesse engolir!*

Louro foi mais além:

*Pinto, não sei distinguir  
se ele é da praça ou da aldeia,  
pois quando se acocorou  
meu sangue tremeu na veia.  
A foto pode ser boa,  
mas a posição é feia!*

Laranjinha, cantador de pouca verve, cantando com Louro do Pajeú, errou na métrica:

*Você 'tá cantando ruim  
que só mulher falsa ao marido.*

A resposta perfeita:

*Seu verso foi sem sentido,  
a rima mal colocada.  
Só hoje é que eu vim dar fé  
que você não canta nada,  
pois mulher falsa não canta:  
a mulher falsa é cantada!*

Lourival Batista estava bebendo demais com uns amigos e um deles alertou para o adiantado da hora. Fez-se esse primor de comodidades:

*Quando eu chego embriagado  
e inda encontro a porta aberta,  
digo logo pra Helena:  
pode dormir descoberta,  
que hoje fica zero a zero  
e amanhã a gente acerta!*

Outra vez ele estava cantando na casa de um homem chamado Seu Dé. Notem o brilhante trocadilho que ele improvisou na hora da coleta, dirigindo-se ao seu oponente:

*Seu Dé, que ao seu lado está,  
não fará paga menor.  
Eu sei que Seu Dé será  
hoje o cliente maior:  
o nome dele é Seu Dé,  
mas se eu pedir é melhor!*

Oliveiras de Panelas<sup>40</sup> cantando com Dimas Batista (irmão de Louro) e baseado no próprio vozeirão, termina uma sextilha:

*Você é o rei do verso,  
mas eu sou o rei da voz!*

Dimas inclui Deus no conserto (e no concerto), num espetacular exercício de imaginação:

*Tenho verso e você voz!  
Ah, se Deus fizesse assim,  
desse mais verso a você  
e desse mais voz a mim,  
nem seu repente era fraco  
nem minha voz era ruim!*

Generino Batista (não era da família dos três irmãos famosos), analfabeto de pai e mãe, nascido em Teixeira, PB. Anotem as sensibilidades desse poeta magnífico. Numa cantoria, o parceiro o criticou:

*Meu respeitável colega,  
tanto fala como erra...*

E a genialidade:

*Eu moro num pé de serra  
que não sabe ler ninguém,*

Sou forçado a interromper a beleza do verso: o pé de serra que não sabe ler ou ninguém sabe ler no pé de serra? Ouçamos, contritos, a doce penitência:

*o meu pai chama prumode,  
minha mãe chama quiném  
e o filho de um casal desse  
que português é que tem?*

40 Francisco Oliveira de Melo (1946/Panelas, PE). Poeta repentista, cantor.

Além disso, há os cantadores mais modestos, não pela falta de genialidade, mas pela de oportunidade. Há um Zé Gaspar, paraibano de Cajazeiras, parcos limites culturais, cujo estado de pobreza foi explorado por outro cantador:

*Nesta época mesquinha  
diga como vai passando?*

Fez-se uma pobreza resumida:

*Estava me alimentando  
com frutas de macaúba,  
mas o pé cresceu demais,  
pra subir, não há quem suba;  
de vara, ninguém alcança,  
de pedra, ninguém derruba!*

O paraibano seguinte é João Izidro Ferreira<sup>41</sup>, de Teixeira, tudo rimado. Izidro foi cangaceiro, foi feirante e se descobriu cantador. Zero de ABC. Um oponente, percebendo a pouca instrução, caiu no logro e terminou uma sextilha assim:

*O que eu digo num segundo  
você não sabe num mês!*

Imaginem a potência de João Izidro num trocadilho sensacional, a grama/tica incluída:

*Relativo a português  
você comigo está só,  
que eu sou um analfabeto,  
não conheço nem um “o”.  
Grama, conheço um capim,  
e Tica, de Zé Chicó!*

João, extremamente malicioso, quando alguém o acicatava ele se excedia na resposta. A um oponente que, perdendo a cantoria, apelava para chamá-lo de cantor maduro, isto é, experimentado, vivido, João retrucou:

*Se quiser ficar maduro,  
vou lhe passar uma lição:  
corte a cabeça e o fundo,  
como se faz com mamão,  
dê um talho no espinhaço  
e se soque no algodão!  
No nordeste das coisas, é assim que se faz!*

João era conhecido por construir versos humorísticos e de duplo sentido. Uma vez, cantando em Campina Grande, havia pouco dinheiro na bandeja. Chegou uma moça toda de preto e com muitos brilhos prateados na roupa. Um amigo, ao ouvido de João Izidro disse: "Basta elogiar essa moça de roupa brilhosa, que ela dá um bom dinheiro"! O poeta perguntou: "Quem é ela?" O amigo respondeu: "É filha do prefeito e seu nome é Fátima Rola da Rocha Garra." João Izidro fez esta sextilha (memorável?):

*Essa moça que chegou  
brilha mais que uma tocha,  
parecendo com a flor  
que do galho desabrocha.  
E pertence a três famílias  
a Garra, a Rola e a Rocha*

De outra feita, João foi vítima de um cantador letrado em agricultura: era importação pra cá, exportação pra lá, lã, safra, plantio, semente, tudo acumulando muita dificuldade, que João não dominava o assunto. Aí ele se resolveu:

*Admiro muito o milho  
pela sua utilidade:  
dá xerém, dá mungunzá*

*pra se comer à vontade...  
E ainda fica o sabugo  
pra outra necessidade!*

Como a gente já sabe que as ofensas de cantoria não são para valer, escutemos o desaforo de Zé Feitosa a Izidro:

*João Izidro Ferreira  
é um corno vagabundo.*

A volta:

*Corno é você, negro imundo,  
e já vem sendo de raça.  
Tem chifre de braça e meia,  
tem ponta de meia braça,  
em rua de beco estreito  
você se dana e não passa!*

Helena, a mulher de Izidro, era pesadona e ele também. Eram bem casados e um oponente elogiou:

*Você casar com Helena  
coisa certa eu já vi dar.*

Pesando bem o assunto, Izidro explicou melhor:

*Mas foi preciso comprar  
cama de arame francês.  
Eu pesando oitenta e sete  
e Helena oitenta e seis,  
se eu comprasse uma mais fraca  
não tinha durado um mês!*

O gênio de Izidro está todo nessa sextilha. Supondo que ele era natural de São José do Egito, um berço de cantadores, um colega finalizou:

... cantando com João Izidro,  
que é filho de São José.

Olhem a desarrumação que o poeta fez:

*Eu filho de São José?  
Se pai souber ignora<sup>42</sup>...  
Mas se isso aconteceu,  
mãe está chorando agora,  
que além de ser prostituta  
chifrava<sup>43</sup> Nossa Senhora!*

De vez que tratamos de genialidades, vamos com Mané Xudu São José do Pilar, na Paraíba, foi onde ele nasceu. Cantoria, os versos correndo soltos, um bêbado insistindo para Manoel beber cerveja, a rima atrapalhada, o verso interrompido, Mané desabafou:

*Deixe de sua imprudência,  
deixe eu findar a peleja...  
Como é que eu posso cantar,  
tocar e tomar cerveja?  
Cachorro é que tem três gostos,  
que corre, late e fareja!*

Modesto, ele confessava a supremacia dos grandes vates:

*Cantar pra Zé de Cazuzza,  
pra Lourival, pra Heleno,  
é o mesmo que matar cobra  
com um cacete pequeno,  
pisar na ponta do rabo*

42 Parece contrassenso, mas é ênfase: tem ciência que não sabe.

43 Gíria nordestina: botar chifre, ser infiel. Trair.

*sem se lembrar do veneno!*

Mas Xudu também filosofava. E era manso o seu jeito de pensar:

*Quando Deus me dava um pão  
eu queria dois ou três;  
quando Ele me dava quatro,  
eu pedia cinco ou seis...  
Pois Ele agora abusou-se,  
tomou tudo de uma vez!*

Escutem a magia dessa comparação:

*Eu nunca tive grandeza.  
grandeza imensa é a sua,  
decantando a natureza,  
raios que descem da lua...  
Escutando eu fico doido,  
como papel pela rua!*

Xudu, meio cansado, cochilou entre um verso e outro e o adversário aproveitou a chance:

*- Desperta, Mané Xudu,  
senão o sono te pega.*

Que coisa linda:

*Desculpe, caro colega,  
que agora dei um cochilo:  
sonhei que estava pescando  
nas águas do Rio Nilo,  
pegando cada traíra  
que a cabeça dava um quilo!*

Xudu desfilava sextilhas sobre a fauna do sertão. Por exemplo:

*Bonito é o pica-pau  
trepár num galho de angico  
bater na madeira dura  
– taco-taco, tico-tico –  
não sente dor de cabeça  
nem cega a ponta do bico!*

*Engraçado é a formiga  
que convida uma colega,  
se sobe num pé de planta<sup>44</sup>,  
bota abaixo, a outra pega,  
balança pra ver se pode,  
trinca no dente e carrega!*

Ou, vaidoso, confessava os modos de Deus:

*Quando Deus me fez poeta,  
fez de um jeito tão preciso,  
pegou a minha cabeça  
colocou tanto improvisado  
que quase faltava espaço  
pra colocar o juízo!*

Certa vez ele foi à missa e observou tudo, minuciosamente:

*Eu acho muito engraçado  
o padre Matusalém:  
quando distribui a hóstia  
é pra dez, cinquenta, cem,  
mas o vinho bebe só,*

*não dá um gole a ninguém!*

Enquanto isso o também paraibano João Benedito preferia filosofar à custa das sextilhas:

*O homem pensa que veio  
pra aqui gozar regalias,  
mas ele está enganado,  
veio só passar uns dias.  
Quando chegou, nada trouxe,  
volta com as mãos vazias!*

João Feitosa deve ter se lembrado da inclemente seca nordestina, quando João Paraibano a incriminou:

*Do jeito que a coisa vai  
dou graças a Deus estar vivo!*

E acrescentou suas desditas:

*Eu não sei por que motivo  
o tempo me desacata,  
até na roça que eu boto  
a natureza é ingrata:  
quando cavo a chuva entope,  
quando planto o verão mata!*

No fim do século XIX apareceu em São José do Egito, PE, o que foi chamado de Rei dos Cantadores: Antônio Marinho<sup>45</sup>.

Um dia ele se queixou de dor de garganta e lhe deram, como gargarejo, uma tintura da umburana de cheiro, essa árvore de cuja madeira fazem imagens de santos; Marinho melhorou na hora, a tempo de compor um repente:

*A umburana de cheiro,  
para a pessoa que masca,*

45 Antônio Marinho do Nascimento (1887/São José do Egito, PE – 1940/São José do Egito). Espantosa rapidez no improviso. “Águia do Sertão”, era o apelido.

*se acaso tiver pigarro  
na garganta desenrasca.  
– Fazem santo do miolo  
e eu melhorei com a casca!*

Improvisador fantástico, Marinho iniciou uma sextilha:

*Mandaram que convidasse  
o rapaz que está de luva...*

Antes do verso seguinte, caiu do telhado uma caranguejeira, aranha peçonhenta e conhecida como viúva negra:

*caiu a caranguejeira  
com o traje de viúva.*

Apressada, uma senhora quis matar o bicho com o pé:

*– Dona, não mate a bichinha  
que ela adivinha chuva!*

O poeta José Soares havia marcado uma cantoria com Antônio Marinho, que se esqueceu do trato e foi cantar com Amaro Bernardino, em Espinharas, PB. Quando se encontraram, Zé interpelou Marinho:

*Agora, Antônio Marinho,  
é que estamos dando as caras.  
Interessa-me saber,  
por considerações raras,  
como se foi com Amaro  
na viagem a Espinharas!*

Marinho, na época, já era portador de um enfisema brabo, tossia muito, mesmo assim ainda tomava parte em cantorias. Começou a se explicar:

*Eu só fui a Espinharas*

*porque precisão obriga,  
mas fui com muita saudade  
daquela nossa cantiga.  
Minha saudade era tanta...*

Um violento acesso de tosse o impediu de continuar; minutos depois, já acalmado, brilhou:  
...que a tosse não quer que eu diga!

Muito doente, Marinho mesmo assim ia às cantorias. Numa dessas, disse a Zé Soares, seu oponente:

*Zé Soares, eu já fui  
cantador como tu és,  
mas a doença me pegou  
da cabeça até os pés:  
cai noventa por cento,  
vou me arrastando com dez!*

De outra feita Marinho cantava numa casa onde o marido se chamava José, a mulher Maria e o filho Jesus.

*Eu hoje estou vendo coisa  
que antes eu nunca vi,  
Jesus, Maria, José,  
todos três estão aqui...*

Nessa ocasião atravessa a sala um negão muito feio, carregando duas latas d'água e reparem o poder do improviso, em que pese a culpa nenhuma do inspirador:

*... só faltava satanáas,  
mas já vai passando ali!*

Zé Miguel, um moço cantador, e José Duda, um cantador idoso, se alongavam demais no desafio e Marinho resolveu interferir:

*José Duda e Zé Miguel,  
um de ida, outro de vinda,  
começaram uma queixa  
e essa queixa não se finda:  
Zé Duda não pode mais,  
Zé Miguel não pode ainda!*

Ascendino Alves, um paraibano de Pedra Lavrada (o nome do berço já indicava a elegância do verso) dava formas à plenitude da poesia. Assim:

*As estrelas são safiras  
incrustadas no infinito  
pela mão da natureza,  
no seu trabalho bendito,  
botou do lado de fora,  
pro céu ficar mais bonito!*

Ele também se excedia na sextilha definindo, com rara percepção, um sentido que a poucos é dado ver: o do tato dos cegos, que parecem ter na ponta dos dedos não apenas a impaciente sensibilidade, mas a “visão” do mundo em torno, as reações dos parceiros.

*De meia noite em diante  
ninguém acerta o meu giro.  
Eu começo gaguejando,  
porém depois que me inspiro  
tenho a grandeza do tato  
do cego jogando firo<sup>46</sup>!*

A comparação é fenomenal, mas ele continua em outra sextilha:

*Sei que a minha inspiração  
aparece por um bambo...*

*Cedo da noite eu sou fraco,  
tarde da noite eu descambo,  
fico do jeito do vento  
dando empurrão num molambo!  
Para quem esqueceu: bambo é por acaso.*

Luiz Campos<sup>47</sup> é um riograndense, mas do Norte. A Chico Sobrinho, um cantador que o elogiou assim...

*... e em mostrar a riqueza  
e a fama do Seridó.*

...ele respondeu assim:

*Me criei em Mossoró  
dormindo num landuá<sup>48</sup>,  
almoçando fava pura,  
jantando arroz com juá.  
– Só vim saber que sou gente  
de um dia desses pra cá!*

Espírito risonho, Luiz se distrai com a própria sorte:

*Essa dor que estou sentindo,  
essa febre, essa fraqueza,  
a tremedeira nas pernas,  
o cansaço e a moleza,  
trinta por cento é doença,  
mas setenta é de pobreza!*

Casa de taipa - o barro preenchendo as armações das varas — é comum no sertão. O poeta Luiz Campos recebeu uma e lamentou:

*Esta casa é uma herança*

<sup>47</sup> Luiz de Oliveira Campos (1939/Mossoró, RN – 2013/Mossoró). Poeta excepcional.  
<sup>48</sup> Pequena rede, presa a uma armação de madeira.

*que recebi de papai.  
A chuva 'tá vem não vem,  
a casa 'tá vai não vai...  
- Todo dia eu boto barro,  
toda noite o barro cai!*

Luiz cantava com uns companheiros e de repente apareceu na sala um rapaz, José Maria, desmunhecando tudo o que tinha direito.

*José, perto de mulher,  
coisinha pouca ele faz.  
Mas José Maria estando  
encostado num rapaz,  
dá tanto choque no corpo  
que acende a luz de detrás!*

O poeta Olívio do Sacramento comenta o crepúsculo:

*Hora que sinto na alma  
profunda melancolia,  
quando o sinal da capela  
um sentimento anuncia  
o mata-borrão da noite  
cobrindo as letras do dia!*

Zé Pretinho, nenhum estudo, mas muito atento. Joca Menezes, letrado, gostava de empulhar os parceiros e perguntou a Zé coisa que, no comum, ninguém sabe:

*Jesus, com seus quinze anos,  
pra onde foi que marchou?*

Tomem um banho de conhecimento geral:

*O que você perguntou*

*vou responder desta vez:  
Jesus com seus quinze anos  
marchou para o dezesseis,  
vivendo mais dezessete,  
morrendo com trinta e três!*

Geraldo Amâncio<sup>49</sup> reside em Fortaleza, a dourada capital cearense. Enquanto Ivanildo Vilanova se gabava das raízes familiares – avô poeta, pai poeta –, Geraldo, irônico, recordava seus ancestrais:

*Meu avô foi sem juízo,  
minha avó uma pateta,  
o meu pai débil mental,  
minha mãe doida completa...  
E eu nem sei como Deus  
me fez assim tão poeta!*

Severino Ferreira<sup>50</sup>, um desprezioso poeta, cantava com um dos ícones do repente, Otacílio Batista. O melhor quis brincar com o bom e deu partida:

*Você não é um veado,  
mas é muito parecido!  
Examinem a prontidão da poesia:  
Seu assunto foi perdido,  
veio me dar desprazer;  
me comparar com uma coisa  
que nunca pensei em ser...  
- Sou parecido e não sou,  
você é sem parecer!*

Do mesmo poeta, recitando uma sétima:

*Eu também lembro a infância,  
meu tempo de meninice,*

49 (1946/Crato, CE). Grande repentista. Escritor. Graduado em História. Difunde o repente como poucos (espetáculos, palestras etc.).  
50 Severino Ferreira da Silva (1951/Touros, RN - 1977/Campina Grande, PB). Poeta de muita inspiração.

*a fase da mocidade,  
o período da meiguice,  
mas tudo está se passando,  
aos poucos vai mergulhando  
no caldeirão da velhice*

Voltando à sextilha e a esse primor de inverno, na boca do poeta Moacir Laurentino<sup>51</sup>:

*Acho bonito o inverno,  
quando o rio está de nado...  
Um sapo faz ôi daqui,  
outro, ôi, do outro lado,  
parecem dois cantadores  
cantando um mourão voltado!*

Notaram o rio... de nado? Tão simples, tão conclusivo, tão gostoso de... nadar!

O poeta popular Juvenal Barbosa usava um grande facão que lhe ia pendurado à cintura. Um dia alguém lhe perguntou como suportava andar com aquele facão balançando na bunda. Juvenal cumpriu seu esto poético:

*Andar com este facão  
é coisa que me aborrece...  
De qualquer lado que eu use  
na cintura o peso cresce:  
de um lado, me desce a bunda,  
do outro, a bunda me desce!*

Nego Malaquias cantava certinho, mas o colega o advertiu: “A palavra não é alumia, é alumeia!” O poeta nem se embaraçou e nem titubeou e nem desacreditou na “corrigenda”:

*Sei que o nome é alumeia,  
mas eu só digo alumia,*

51 Moacir Laurentino (1945/Paulista, PB).-Muito bom poeta repentista.

*por isso que o povo gosta  
do cantá de Malaquia...  
- Mesmo eu acho muito feio  
nego com sabiduria!*

Zé Limeira<sup>52</sup> comentando a enganosa política nacional, mal desconfiando que os seus candidatos são mesmo os usuais:

*Não intendo de inleição,  
que lá no Tauá não tem.  
Porém se eu fosse votá,  
entretanto mas porém,  
eu só votasse se fosse  
num burro manso ou num trem!*

Zé Catota<sup>53</sup>, mesmo com o nome longe do pomposo, é poeta muito bom. E muito amável com sua mãezinha:

*‘tão vendo aquela velhinha  
envolvida no seu manto,  
o corpo cheio de dores,  
a face banhada em pranto?  
- Cantava quando eu chorava,  
hoje chora quando eu canto!*

Outra sextilha:

*Dos cantadores antigos  
tem eu e Pedro Amorim;  
eu aqui em São José,  
Pedro lá em Itapetim.*

*Por lá ninguém lembra dele,*

52 (1886 – 1954). Uns dizem-no pura fantasia do jornalista Orlando Tejo (1935/Campina Grande, PB – 2018/Recife) no livro “Zé Limeira- Poeta do absurdo”. Outros atestam que o conheceram e até cantaram com ele. Os versos são espetaculares.

53 José Lopes Neto (1917/São José do Egito, PE – 2009/São José do Egito). “Metralhadora do Repente”.

*aqui esquecem de mim,  
Um cantador disse..  
Em breve irei açoitar  
os vates do Pajeú*

Zé avisou, de leve:

*Saia de Caruaru,  
passe pelo Moxotó,  
vá açoitar os poetas  
de Patos a Piancó.*

Na volta, apanhe dos três:

Louro, Zé Catota e Jó!

Cantando com Pedro Amorim, quando este improvisou a sextilha:

*Vivo muito bem na vida  
e tu vives atrasado.  
Possuo fazenda, açude  
e cana do outro lado.  
Tu só tens um jipe velho,  
além de velho, quebrado.*

Zé Catota:

*Chamar fazenda sem gado,  
eu acho melhor que deixe...;  
A sua cana cortada  
talvez não dê nem um feixe....  
Esse açude de que fala,  
tem mais dono do que peixe.*

Cantoria com Sebastião Dias<sup>54</sup> e Waldir Teles<sup>55</sup>, alta madrugada e depois da apresentação de Severino Feitosa e Severino Ferreira. Imagens em lindas sextilhas, poéticas, metáforas próprias de grandes cantadores:

Sebastião:

*A Feitosa e a Ferreira  
pedir licença eu queria  
para dar um empurrão  
no final da cantoria,  
pra ver o corpo da noite  
cair por cima do dia!*

Waldir:

*Também eu piso no chão  
no meio da longa estrada,  
derramando o pranto quente  
da viola empoeirada  
e com isso vou enganando  
as dobras da madrugada!*

Sebastião:

*E eu vou buscando os lençóis  
nesta madrugada fria.  
Cada um cabelo branco  
que a minha cabeça cria,  
é um aviso do corpo  
da minha melancolia!*

Waldir:

*Quero ver daqui pra frente  
o canto do rouxinol.  
Quero divisar de longe,  
contemplando o arrebol,*

54 (1950/Caicó, RN). Improvisador de muitos méritos.

55 (/Livramento, PB -). Um dos mais afamados poetas do Nordeste.

*quero ver o céu sentindo  
a dor do parto do sol!*

Sebastião estava em São Paulo. Numa cantoria o adversário perguntou:

*Como é que você está  
nesta terra bandeirante?*

O repente extraordinário e muito gentil:

*Na capital bandeirante  
eu vim fazer um passeio,  
mas ao deixar o nordeste  
parti a alma no meio...  
Ou vem a banda de lá  
ou vai a banda que veio!*

Louro Branco<sup>56</sup> se torna irreverente e a crítica um pouco acerba, quando se trata da seca no Nordeste:

*Nosso sertão só tem cheiro  
de poeira e terra quente.  
Já morreu gado sem água  
e cedo vai morrer gente...  
- Deus, porque não sente fome,  
pensa que a gente não sente!*

De Ascendino Alves. Se ninguém pensou em ver o céu pelo lado de fora, o poeta o fez:

*As estrelas são safiras  
incrustadas no infinito  
pela mão da natureza;  
no seu trabalho bendito  
botou do lado de fora*

*pro céu ficar mais bonito!*

Oliveira, de Panelas, PE, é um dos mais aplaudidos repentistas do Nordeste. Vejam a inspiração multicolor:

*Por este espaço onde moro  
meu sonho é tão colorido,  
que eu tenho a leve impressão  
que ele foi construído  
com várias tintas confusas  
de um arco-íris mexido!*

Oliveira, dentro do seu estilo sarcástico, também protesta veementemente contra certas discriminações:

*Salomão, homem de Deus,  
um grande rei do passado,  
casou-se com mil mulheres,  
quinhentas de cada lado:  
hoje, se eu arranjo duas,  
a Bíblia diz que é pecado!*

Anotem de novo, por favor: na sextilha a rima do último verso é que determina a do primeiro verso de quem responde e os cantadores cumprem isso com naturalidade e velozmente. Dito o segundo verso – cuja rima é a mesma do quarto e do sexto – o desafiado já sabe como começar.

João Bandeira<sup>57</sup> pondo em dúvida as certidões de vida:

*Tristeza é de quem nasceu  
num quarto de cabaré,  
sem ter fraldinhas no berço  
nem sapatinho no pé,  
olhando o rosto da mãe  
sem saber o pai quem é!*

De Jó Patriota para a sua mulher, que o deixava por causas das farras contínuas:

*Pergunte à noite estrelada,  
interrogue a madrugada  
e as flores que você vê...  
Pergunte à serena lua  
e a todas pedras da rua  
se eu gosto ou não de você!*

Caso entre os famosos Zé Pretinho e o Cego Aderaldo, o feitiço virado sobre e contra o feiticeiro. O desafio é em sextilhas, mas há trocadilhos nos 5º e 6º versos, tudo de improviso.

Zé Pretinho começa, tentando empulhar Aderaldo:

*Cego, agora eu vou mudar  
pra uma que mete medo,  
nunca vi um cantador  
que desmanchasse este enredo:  
é um dedo, é um dado, é um dia,  
é um dado, é um dia, é um dedo!*

A ordem do mote vai mudando ao sabor do gênio dos desafiantes.

*Zé Pretinho o teu enredo  
parece mais zombaria,  
tu hoje cega é de raiva  
e o diabo será teu guia,  
é um dia, é um dado, é um dedo,  
é um dedo, é um dado, é um dia!*

Acentuar o defeito físico do adversário pode parecer falta de ética, mas na cantoria é comum.

*Cego, respondeste bem  
que só quem tinha estudado,  
eu também por minha vez*

*canto o meu verso aprumado,  
é um dado, é um dia, é um dedo,  
é um dedo, é um dia, é um dado!*

*Daqui a pouco, Zé Pretinho,  
te faço ganhar o bredo,  
sou bravo como o leão,  
sou forte como o penedo,  
é um dedo, é um dado, é um dia,  
é um dado, é um dia, é um dedo!*

*Cego, agora inventa uma  
daquelas belas toadas  
que é pra ver se essas moças  
dão algumas gargalhadas,  
todo mundo tem se rido,  
só elas estão caladas...*

Aderaldo até que foi honesto, avisando:

*Zé Pretinho eu não sei mesmo  
de você o que será...  
Arrependido do jogo  
você é quem vai ficar,  
quem a paca cara compra  
cara a paca pagará!  
Cego, fiquei apertado  
que só um pinto no ovo,  
tenho medo de sofrer  
vergonha diante do povo...  
Cego, a história dessa paca,*

*faz favor dizer de novo!*

*Digo uma e digo dez,  
no falar eu tenho pompa...  
Presentemente não acho  
quem o meu martelo rompa,  
cara a paca pagará  
quem a paca cara compra!*

*Cego, o teu peito é de aço,  
foi bom ferreiro que fez,  
pensei que cego não tinha  
no peito tal rapidez...  
Cego, se não for maçada,  
repete a paca outra vez!*

*Arre, com tanto pedido  
desse preto capivara!  
Não tem quem cuspa pra cima  
que não lhe caia na cara,  
quem a paca cara compra  
pagará a paca cara!*

*Cego, agora eu aprendi,  
cantarei a paca já,  
tu pra mim és um borrego  
no bico de um carcará,  
Quem a paca... capa... paca...  
papa... pa... ca... pacará!*

Derrotado e sob as gargalhadas dos assistentes Zé Pretinho partiu furioso para agredir o fantástico cego, no que foi prontamente impedido. Retirou-se humilhado, enquanto Aderaldo prosseguiu irônico numa tímida quadrinha:

*Senhores, vocês que enxergam,  
me façam um pedidozinho:  
me deem notícia da fama  
do cantador Zé Pretinho!*



## Rotary



**Elequicina Maria dos Santos**

Eng.<sup>a</sup> Civil  
Governadora do Distrito 4500  
Gestão 2022 / 2023

### Imagine um Rotary de Repente

A vida me deu a oportunidade de governar um dos Distritos de Rotary International dos mais de 500 espelhados pelo mundo, no caso o 4500, localizado na área mais setentrional do Nordeste, onde a cultura possui traços muito forte e característicos. Nesta região temos artistas brilhantes e em especial numa forma de expressar o nosso cotidiano através de um diálogo ou cantoria muito comum, que é o repente.

Na sua 23<sup>a</sup> edição, tendo um segundo volume dedicado a esta arte poético-musical, usando como título “Tudo isso é de repente” este projeto “Cadernos do Semiárido” nos presenteia com mais uma oportunidade de conhecer e se deleitar com estrofes em versos que nos remetem aos costumes e riquezas do nosso lugar.

Nossas áreas de enfoque têm na educação básica de crianças e adultos e no desenvolvimento comunitário duas sustentações de base para atingirmos os nossos propósitos de bem servir. E assim, disseminando e fazendo conhecer essa cultura do repente junto aos nossos alunos, estaremos favorecendo a nossa educação e a nossa comunidade, através de um enfoque cultural.

Assim, mais uma vez, deixamos os nossos agradecimentos pela oportunidade de estarmos envolvidos nesse projeto, no momento que mais uma vez, parabenizamos e enaltecemos os autores e o baluarte engenheiro Mário Antonino, por este projeto vitorioso que já completa mais de cinco anos de sucesso no nosso Distrito.

CADERNOS DO

# SEMIÁRIDO

Os cadernos estão disponíveis online, através do site:

[www.creape.org.br/cadernos-do-semiarido-riquezas-eoportunidades/](http://www.creape.org.br/cadernos-do-semiarido-riquezas-eoportunidades/)



## REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL RURAL  
DE PERNAMBUCO



**CREA-PE**  
Conselho Regional de Engenharia  
e Agronomia de Pernambuco

## APOIO



Rotary

